

#### IV

### T. S. ELIOT

ASSINALEI A SIMILITUDE entre os poetas ingleses do século XVII e os simbolistas franceses do século XIX. Em nossa própria época, a poesia de T. S. Eliot aproximou ambas as tradições, e, tanto quanto sei, foi ele quem pela primeira vez chamou a atenção para a semelhança entre uma e outra. "A forma", diz ele, "na qual comecei a escrever em 1908 ou 1909, resultou diretamente do estudo de Laforgue, a par do drama dos fins da era isabelina; e não sei de ninguém que tenha começado exatamente desse ponto."

Até aqui, ao discutir os primeiros simbolistas, falei principalmente de Mallarmé. Mas T. S. Eliot deriva, conforme ele próprio o indica, de um ramo diverso da tradição simbolista. Em 1873, aparecera em Paris um livro de poemas intitulado *Les Amours Jaunes*, de um escritor que se assinava Tristan Corbière. *Les Amours Jaunes* foi recebido com total indiferença, e mal decorrera um ano de sua publicação, seu autor morreu tuberculoso. Morto com apenas trinta anos, Tristan Corbière fora homem excêntrico e desajustado: filho de um capitão de marinha, que escrevera também contos marítimos, teve excelente educação, mas escolheu para si mesmo uma vida de réprobo. Em Paris, dormia o dia todo e passava as noites nos cafés, ou a escrever versos, saudando ao alvorecer as meretrizes que saíam do posto de polícia, ou do hotel, com o mesmo sentimento, entre rude e terno, de solidariedade para com os exilados da sociedade convencional que, quando morava em sua Bretanha natal, o fazia fugir da casa da família em busca da companhia de guardas aduaneiros e

marujos; esqueleto vivo, inválido que era, realizava ele prodígios de coragem e resistência ao leme de um pequeno cúter em que velejava, de preferência durante os dias de tempo o mais borrascoso possível. Fazia praça da sua insociabilidade e do que considerava sua feiúra física, ao mesmo tempo em que indubitavelmente sofria por causa dela. Melancólico, com uma mente febrilmente ativa, cheio de gemidos e facécias, costumava divertir-se andando em roupas de sentenciado e disparando espingardas e revólveres pela janela num protesto contra a cantoria do coral de aldeia; certa ocasião, durante uma visita a Roma, apareceu nas ruas em traje de cerimônia, com uma mitra na cabeça e dois olhos pintados na testa, levando um leitão enfeitado com fitas. E a poesia de Corbière era a poesia de um réprobo: amiúde coloquial e desataviada, porém com uma retórica de fantástico calão; amiúde com o jeito de versalhada descuidada, mas segura de seus próprios e soturnos efeitos artísticos; cheia da ostentação da personalidade romântica, e, no entanto, incessantemente humilhando-se a si mesma com uma autozombaria obscena e feroz, da qual, conforme assinalou Huysmans, se elevava por vezes, inopinadamente, "um grito de agudo sofrimento, como se estalasse uma corda de violoncelo" — o verso de Corbière trouxe de volta à poesia francesa qualidades que lhe tinham ficado alheias ao espírito desde o tempo de François Villon.

Tão exótico parecia Corbière, mesmo do ponto de vista dos românticos, que foi rejeitado, nas raras ocasiões em que se lhe deu alguma atenção, não apenas como simplesmente indecoroso, mas como insano — até que Paul Verlaine, em 1883, fez-lhe justiça numa série de artigos, *Les Poètes Maudits*, que se constituíram num dos eventos críticos relevantes no desenvolvimento do Simbolismo. O próprio Verlaine, artista mais realizado, mas personalidade menos original e interessante, havia sido fortemente influenciado por *Les Amours Jaunes*; em verdade, parece ter tomado a Corbière não apenas certos efeitos artísticos como também algo de sua personalidade poética, seu acento peculiar de anelante candura: compare-se "Rondels pour Après", de Corbière, com o soneto de Verlaine que começa pelo verso "L'espoir luit comme un brin de paille dans l'étable", ou "Patria" com "Casper Hauser".

Mas outro poeta francês, Jules Laforgue, dezenove anos mais moço que Corbière, havia, independentemente dele, criado um tom e uma técnica — irônico-pungente, girio-pomposa, chulo-ingênua — que tinha muito em comum com Corbière: Lafor-